

## **UM NOVO *MODUS OPERANDI*: COMPREENDENDO A RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, SUBJETIVIDADE E MUNDO VIRTUAL<sup>1</sup>**

Eduarda Leal de Souza<sup>2</sup>  
Stetina Trani de Meneses e Dacorso<sup>3</sup>

### **RESUMO:**

O presente artigo compreende reflexões acerca da relação sujeito e subjetividade no meio on-line. O sentimento de angústia, frente aos avanços tecnológicos, desperta a questão de como se daria essa convivência do sujeito com o meio. Partindo de um breve histórico de mudanças tecnológicas, o estudo se compõe por uma introdução ao conceito de fluidez na contemporaneidade, trazido da sociologia, bem como o entrelace do mundo virtual com os conceitos psicanalíticos de castração e pulsão. Por meio da leitura psicanalítica é possível analisar que o sujeito usufrui a internet da forma com que deseja seu eu singular, atravessado por seus interesses. Nesse sentido, explorar o potencial da internet nas produções atuais por meio de uma revisão narrativa, permite ponderar se há um vilão na relação sujeito e mundo virtual e ainda como se estabelece essa coexistência diante do cenário de isolamento social, em decorrência da pandemia do coronavírus, na qual o contato virtual se torna o meio de comunicação mais seguro.

Palavras-chave: Virtualidade. Subjetividade. Pulsão. Isolamento social.

## **A NEW *MODUS OPERANDI*: UNDERSTANDING THE RELATIONSHIP AMONG SUBJECT, SUBJECTIVITY AND THE VIRTUAL WORLD**

### **ABSTRACT:**

This article includes reflections on the relationship between subject and subjectivity in the online environment. The distress feeling, in the face of technological advances, raises the topic of how the interaction of the subject with the surroundings would be. Starting from a brief history of technological changes, the study consists of an introduction to the concept of fluidity in contemporary times brought from sociology, as well as the intertwining of the virtual world with the psychoanalytic concepts of castration and drive. Through psychoanalytic reading, it is possible to analyze that the subject enjoys the internet in the way his singular self wants, crossed by his interests. In this regard, exploring the potential of the internet in current productions through a narrative review, allows us to ponder whether there is a villain in the relationship between subject and virtual world and also how this coexistence is established in the

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UniAcademia na Linha de Pesquisa Psicologia e Tecnologia. Recebido em 22/05/20 e aprovado, após reformulações, em 22/06/20.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: [dudasouzapsi@gmail.com](mailto:dudasouzapsi@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) e docente do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: [stetnadacorso@cesjf.br](mailto:stetnadacorso@cesjf.br)

face of the social isolation scenario, due to the coronavirus pandemic, in which the virtual world becomes the most secure means of communication.

Keywords: Virtuality. Subjectivity. Drive. Social isolation.

## 1 INTRODUÇÃO

O ciberespaço é convocado a todo momento na vida do sujeito, as redes sociais se fazem presentes no dia a dia desde o acordar e verificar suas notificações até ao anoitecer, em que se utiliza de práticas de relaxamento por meio on-line para conseguir se desligar das tarefas diárias e adormecer. Borges (2016) aponta que, nesse sentido, a exposição da intimidade se tornou comum atualmente e estranho seria aquele que não a faz. A proximidade propiciada pelo virtual influencia tanto na relação com aqueles que estão mais próximos, facilitando a comunicação, ou com os mais distantes, os aproximando. Assim, a distância tida atualmente seria apenas a da tela do computador ou smartphone, ressalta a autora.

Grande parte da literatura que tange a temática da internet e subjetividade perpassa o caminho das patologias, dos prejuízos e das dificuldades que o on-line provoca no sujeito. Esse movimento suscita questionamentos sobre essa relação, principalmente, no que implica no viés prejudicial do uso, uma vez que o modo de vida atual se torna impensável na ausência das tecnologias existentes e suas facilidades e benefícios no dia a dia de cada um.

Nesse sentido, o contexto sócio-histórico atual e as relações que perpassam as redes sociais produzem efeitos relacionados a situação dos sujeitos e as psicopatologias do hoje, desde as vivências até encontros e desencontros humanos. Não caberia pensar de forma dicotomizada numa concepção de irreal ou real, positivo ou negativo no que diz respeito às tecnologias, mas, sim, de reconhecer esse contexto como o atual e suas peculiaridades nas comunicações e relações globalizadas (BARRETO, 2016).

No contexto atual, o ocidente compreende uma série de inovações tecnológicas, vive-se numa cultura diferente da anterior à invenção da internet. Nesse cenário, o computador deixa de ser apenas uma ferramenta e passa a fazer parte do cotidiano do sujeito, trazendo consigo as redes sociais. Os avanços ultrapassam fronteiras, refletem nos modos de produção, nos modos de vida, nas formas de se

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

comunicar, aprender e apreender novos conhecimentos e informações, dentre muitas outras mudanças percebíveis no dia a dia. Esse novo mundo tecnológico remodela a forma como as pessoas agem e pensam, assim pode-se pensar que o fenômeno da internet impacta a subjetividade do sujeito (NICOLACI-DA-COSTA, 2002; OTERO, 2012).

Em particular, no momento vivido em 2020, a internet se torna palco central das relações e da comunicação, uma vez que o mundo se encontra em meio a uma pandemia e a maneira encontrada para passar por essa situação seria o isolamento social. Assim, mais que um complemento ao mundo real, o mundo virtual é, mais do que nunca, habitado por todos aqueles que detêm o acesso à rede e necessitam trabalhar, estudar e comunicar-se uns com os outros, fazendo com que a relação entre sujeito e mundo virtual se estreite ainda mais.

O objetivo do presente estudo se estrutura no sentido de compreender, diante da sociedade atual e do advento da internet, como se estabelece a relação do sujeito, sua subjetividade e o mundo virtual. Sabe-se que a internet e suas demais variações, como as redes sociais, estão presentes no dia a dia da maioria dos sujeitos na contemporaneidade e que seu uso os beneficia diante das facilidades e os prejudica diante dos excessos. Assim, a principal questão a ser discutida nesse estudo seria a que diz respeito a relação que se estabelece entre sujeito e mundo virtual. Por consequência, levanta-se o seguinte questionamento: qual o lugar ocupado pela internet na vida do sujeito?

Em vista disso, objetiva-se essencialmente refletir sobre a internet como objeto da pulsão, analisando o conceito de fluidez na sociedade contemporânea, assim como traçar uma relação do mundo virtual com os conceitos de fluidez, alteridade e castração, podendo, dessa forma, explorar o potencial da internet através das produções atuais e compreender como se dá essa relação entre o sujeito e mundo virtual.

De acordo com levantamento realizado para este estudo há uma escassez de pesquisas relacionadas aos potenciais da internet na relação sujeito e o virtual que suscitasse questões que fugissem ao patológico. Deste modo, o presente artigo se faz relevante no âmbito científico e social na medida em que trouxe debates atuais acerca da temática proposta que ainda é pouco explorada. A finalidade desta revisão, de caráter narrativo, utilizando a pesquisa bibliográfica como procedimento

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

metodológico, se justifica haja vista a necessidade de explorar o potencial da internet, compreender como se dá a relação do sujeito com o meio on-line e a forma com que o sujeito encara essa relação e lida com a diferença desvelada pela internet, uma vez que entender o ser humano e sua relação com o mundo se torna crucial para o trabalho da psicologia.

## **2 SUJEITO, SUBJETIVIDADE E MUNDO VIRTUAL**

O desenvolvimento desse estudo se constrói a partir do despertar do sentimento de estranheza frente ao desconhecido que surge com as mudanças tecnológicas e sua afetação no sujeito. Os estudos atuais compreendem uma série de questões que perpassam ao patológico do mundo virtual e suas consequências para o ser. Entretanto, numa leitura crítica, esses estudos possibilitam enxergar os potenciais da internet que coexistem nessa relação entre sujeito e mundo virtual e ainda, como se dá essa relação diante do cenário de isolamento social.

Os conceitos psicanalíticos abordados ao longo desse estudo buscam compreender as inúmeras possibilidades que cerceiam os sujeitos e suas subjetividades singulares.

### **2.1 UM ATRAVESSAR PELA HISTÓRIA: A CONTEMPORANEIDADE E SUA LIQUIDEZ**

A sociedade contemporânea é atravessada por inúmeras mudanças que impactam a vida do sujeito, o advento da internet e a remodelação de subjetividade marcam o momento atual (BIRMAN, 2001), entretanto, alguns estudiosos enfatizam que estes não são os primeiros a causarem esse desencaixe social. Podemos observar, nos marcos da história da humanidade, uma série de mudanças e tecnologias que vieram para suprir as necessidades da sociedade, como o declínio da sociedade feudal, o iluminismo e a Revolução Industrial (NICOLACI-DA-COSTA, 2002; CASTELLS, 1999).

Diante das mudanças ocorridas na contemporaneidade e suas tecnologias, pode-se ter a sensação de que o mundo antes conhecido deixou de existir e deu lugar ao desconhecido. Nesta conjuntura, sentimentos ambíguos são provocados no sujeito

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

que, por um lado, se sente atraído pelas facilidades e novas formas de comunicação e sociabilidade, mas, por outro, repele o novo e fica temeroso frente ao desconhecido emaranhado nesse novo meio (NICOLACI-DA-COSTA, 2002; OTERO, 2012). Essa sensação de estar à deriva no próprio mundo não é nova, as transformações que marcam outras épocas tiveram resultado análogo. A humanidade atravessou períodos de mudanças socioculturais e tecnológicas avassaladoras, que podem ser comparadas as que estamos presenciando no cotidiano pós-moderno (NICOLACI-DA-COSTA, 2002; KALLAS 2016).

Durkheim (1982), em sua obra *O suicídio*, já se atentava as possíveis mudanças sentidas pelos sujeitos em decorrência do desfalecer da sociedade feudal. Com esse fato e a concretização da Revolução Industrial, haveria uma espécie de perda da contenção das coisas, em que começaria a percepção que o individual estaria liberto e poderia vir a ser acometido por consequências negativas dessa liberdade. O autor utiliza o conceito de anomia em suas obras, que diz sobre a ausência ou não entendimento claro das regras, o que dava ao sujeito autonomia, mas ao mesmo tempo, o deixava livre para ir ao encontro as suas angústias e medos. Análogo a esse pensamento, Nicolaci-da-Costa (2002) salienta que o indivíduo teria um limiar estreito para lidar com a liberdade excessiva, necessitando de alguma contenção para não se sentir angustiado e à deriva em sua própria vida, o que poderia ser observado atualmente.

Outrossim, o historiador Hobsbawn (1999) também disserta sobre o período da Revolução Industrial, em que, de forma abrupta, interrompe o antigo modo de vida e muda a realidade social, possibilitando que novos caminhos fossem traçados, entretanto, sem munir o sujeito de estratégias para esse novo começo.

Baumann (2001) utiliza do conceito de “modernidade líquida” para ilustrar a situação social moderna, uma vez que o que era sólido, onde a comunidade e os laços entre os sujeitos eram seguros e de formas bem estabelecidas, tornou-se fluído, imprevisível e não fixo, sendo, assim, um tempo de liberdade e insegurança. O sociólogo estabelece que:

Os fluidos se movem facilmente. Eles 'fluem', 'escorrem', 'esvaem-se', 'respingam', 'transbordam', 'vazam', 'inundam', 'borrifam', 'pingam', são 'filtrados', 'destilados'; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho... Associamos 'leveza' ou 'ausência de peso' à

mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos (BAUMAN, 2001, p. 8, grifo do autor).

A efemeridade vivida na sociedade pós-moderna se encaixaria nessa fluidez diante da ausência de normas e referenciais morais. Assim, a percepção do contexto atual seria a do mundo baseado no consumo e da postura solitária do sujeito, que passa a ser o único responsável por sua vida (BAUMANN, 2001).

O avanço das tecnologias de telecomunicação, em meados do século XX, permite que o capitalismo atinja um novo momento, o de integração multinacional. Esse momento, por sua vez, acelera ainda mais as mudanças e concepções de tempo que antes já havia sido atingida de forma não tão impactante no período moderno (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

O boom do aprimoramento tecnológico da informação e telecomunicação ocorreu no século passado e os avanços ainda acontecem atualmente. Diante da análise dos períodos de grandes revoluções da sociedade, Castells (1999) conclui estarmos em um novo período de Revolução, agora numa sociedade moldada em redes. A contemporaneidade ou pós-modernidade traz consigo o sentimento nostálgico de incertezas diante das mudanças provocadas pela tecnologia. Tecnologias de comunicação são cada vez mais utilizadas pelos sujeitos, assim, desenvolvendo novas formas de experienciar diversas situações sociais previamente conhecidas, ou não, através destes meios (RIBEIRO; LEITE; SOUZA, 2009).

Um ponto de vista considerável a respeito do contexto vivido seria o de Mendes (2016) que, ao dissertar sobre a atualidade e suas redes, estabelece que se abriria, então, um fosso geracional, em que os mais adultos estariam acostumados a um outro tempo-espço, com outras formas de se relacionar, onde essas relações seriam baseadas nos encontros pessoais e as amizades seriam mais duradouras. O autor ressalta que os adultos e os mais velhos eram sujeitos num mundo em que a voz e as palavras eram de grande importância, diferente dos sujeitos das novas gerações. Com isso, observa que, com a tecnologia, as relações não necessitam mais de nenhuma unidade de linguagem, com rapidez a fala dá lugar a escrita digital, cada vez com menos caracteres e com mais abreviações. Assim, estaríamos, então, frente a um quase novo código de linguagem e, por isso, a subjetivação das novas gerações se dão de forma cada vez mais diferente das anteriores (MENDES, 2016).

O contemporâneo e suas redes seriam, portanto, um ambiente híbrido, um transitório entre físico e virtual, enlaçados por uma linha não temporal, onde favorece o surgimento das novas relações, em que papéis sociais não são mais fixos, podendo ser remanejados em função de novas identidades nesse meio (CASTELLS, 1999). Uma forma de evidenciar as mudanças do modo de vida e compreensão do mundo contemporâneo, decorrente das mudanças tecnológicas, seria o mundo virtual. Nesse mundo virtual há mudanças hierárquicas, que acabam por refletir nos limites e papéis nos relacionamentos do mundo real (KALLAS, 2016).

## 2.2 O SUJEITO E SUA SUBJETIVIDADE NO VIRTUAL

O meio virtual se caracteriza como um ambiente repleto de novidades aos olhos daqueles que não o habitam, entretanto, até os que estão acostumados ao seu uso, se surpreendem com seu potencial. Este potencial da internet está na variabilidade de informações e conteúdo. Suas possibilidades de uso flutuam entre entretenimento, trabalho, bem-estar e inúmeras outras disposições e novas possibilidades que surgem a todo o momento. Kallas (2016) disserta em seu trabalho sobre o ingresso em um mundo paralelo através da internet, os MUDs (*Multi users domains*), os quais são mundos virtuais sitiados que introduzem o indivíduo num espaço que o favorece vivenciar múltiplas identidades ou representações de papéis distantes da sua noção de Eu, explica a autora. Entretanto, será utilizado no presente estudo a compreensão de mundo virtual como ciberespaço, que abarca além dos MUDs, a totalidade das novas tecnologias digitais, redes sociais e internet (LEMOS, 2008 apud NOBRE; MOREIRA, 2013).

É fato a existência da ambivalência de sentimentos em relação a rede social. Recuero (2009) considera em sua obra que o discurso daqueles que enxergam de forma otimista a facilidade de informação proporcionada pela rede social e o dos pessimistas são da mesma intensidade. No discurso positivo, a internet favorece a criação de comunidades virtuais, cerceadas por harmonia, igualdade e colaboração mútua. Já para os sujeitos que não comungam dessa percepção, a rede arrefece as relações e põe em destaque aquilo que há de pior no ser humano, sendo um lugar carregado de hipocrisia. Entretanto, o erro de ambas as partes se faz na medida em que consideram a internet algo à parte do social, esquecendo que as tecnologias nada

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

mais são do que produtos da cultura atual, mecanismos criados pelo homem para servir ao homem (RECUERO, 2009).

Kallas (2016) acredita que a internet proporciona um espaço intermediário entre a realidade e a imaginação, uma vez que, por trás da tela existe um sujeito real, e no virtual existe o sujeito criado e idealizado por esse sujeito, que é baseado no seu desejo. Sendo possível, assim, facilitar o contato com os pares e proporcionar enfrentamento das situações que inibem os sujeitos, que podem se arriscar, e, caso haja algum erro, é possível ter outra chance, bastando apagar aquilo que foi dito ou até mesmo desligar o computador e não encarar mais aquele conteúdo. O uso da internet também pode ser percebido como uma forma de escape do dia a dia e fuga dos sentimentos de angústia e tristeza, proporcionando assim um falso sentimento de controle.

### 2.3 O USO DO MUNDO VIRTUAL E A PSICANÁLISE

Na teoria Freudiana, Pulsão (*Trieb*, ou, como termo equivalente na tradução inglesa, *Instinct*) pode ser compreendida como:

[...] um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 2006b, p. 124).

Maggi (2016) considera que o sujeito busca constantemente um objeto de satisfação, no princípio, fora o próprio corpo, o autoerotismo, e, a posteriori, são os objetos que vão para além dos limites pessoais, no campo das relações. Maggi (2016, p.82) conclui que

[...] esse é o grande momento da saída do sujeito para a busca de objetos que possam trazer gratificações substituíveis e ampliadas em matéria de sexualidade, revelando a capacidade de deslocamento e de substituições de fontes de gratificação.

A relação de satisfação descrita pela autora pode ser compreendida a partir do conceito de pulsão em Freud, em que, de forma recorrente, busca-se a satisfação,



entretanto, esta nunca será completa. Essa tentativa de satisfação pode ser entendida como o que leva o sujeito a continuar desejando.

Desta maneira, Freud (2006b) afirma que o objeto da pulsão seria todo objeto que possibilitaria a satisfação, ou seja, que a pulsão atingisse seu alvo. Objeto este que seria o mais variável nessa relação e não precisaria necessariamente ser algo que difere ao sujeito, podendo ser uma parte do próprio corpo ou mesmo objetos fantasiados. Essa escolha varia de acordo com a singularidade do sujeito e de sua organização psíquica. Uns podem usar do meio virtual ou das redes sociais como esse objeto pulsional, e outros podem usar a droga, sexo, entre outros. O uso, quando indiscriminado, de algum objeto eleito como meio de satisfação da pulsão pode levar à patologias como a adicção, que pode ser compreendida a partir da psicanálise como uma incessante repetição da ação, dirigida a um mesmo objeto ou tipo de objeto (GURFINKEL, 1993 apud PADILHA NETTO; CARDOSO, 2017).

Maggi (2016) expõe que as redes têm papel de aproximar ou distanciar o outro e que, inconscientemente, o sujeito busca de forma persistente e contínua o contato com o outro nas redes sociais. Pensando assim, as redes virtuais poderiam ser um objeto para essa satisfação, uma vez que facilitam a comunicação e podem ser uma fonte para aliviar o desconforto e angústia frente a ausência do outro.

De forma análoga, podemos também utilizar de um conceito da comunicação para compreender essa relação da internet como objeto da pulsão. A expressão de “cultura participativa” utilizada por Jenkins (2006) diz sobre a participação ativa dos espectadores nos meios de comunicação, sendo assim, no meio virtual. Ou seja, vai em encontro a ideia de passividade daqueles que utilizam esse meio. Nesse sentido, o autor trabalha a convergência nos meios de comunicação, sendo representante de uma transformação cultural, em que o sujeito é incentivado a buscar novas informações e fazer conexões antes talvez impensadas, moldando assim sua rede da forma com que lhe for mais prazerosa. Jenkins (2006) compreende esse processo coletivo com semelhança ao que Lévy (2003) chamou de inteligência coletiva. A inteligência coletiva se caracteriza como “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2003, p. 28).

Nesse viés, podemos compreender a rede como um associado de saberes, recursos e habilidades daqueles que usufruem dela, ou seja, a rede se estabelece

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

apenas como um meio de utilização balizada por aqueles que a utilizam. Isso nos leva a articular o uso do virtual com a escolha objetual citada anteriormente. O mundo oferece uma gama de objetos que podem ser utilizados para suprir as necessidades humanas, cabe ao sujeito singular fazer sua escolha.

Ainda no que tange sobre as satisfações pulsionais, Ceccarelli (2016) indaga sobre os vastos recursos oferecidos pelo mundo virtual decorrente dos avanços tecnológicos que ainda acontecem e se expressariam, de fato, algo novo. O autor expõe que talvez estaríamos repetindo antigas dinâmicas pulsionais. O que é entendido por muitos como novas estratégias, os novos sintomas, seriam apenas a reutilização das dinâmicas pulsionais constitutivas do Eu, munida das ferramentas possibilitadas por esses avanços da atualidade.

O autor corrobora com a ideia supracitada de que todos os momentos históricos geram sua forma particular de angústia em razão do desamparo, e, para ele, a forma com que o sujeito lida com essa representação fantasmática oferecida pelo momento histórico seria a repetição das antigas dinâmicas pulsionais. Diante disso, Ceccarelli (2016) acredita que esse sentimento decorrente das soluções atuais encontradas pelo sujeito para lidar com as mudanças sociais seria mais angustiante que antes, uma vez que o sentimento é impactado pelo que acontece no momento atual do sujeito, ou seja, como se vive no agora e com as mudanças atuais. Com isso, os sentimentos suscitados por esse contexto o atingiriam com muito mais força.

Ao analisar o conceito de anomia de Durkheim (1982) podemos entender que o contemporâneo está emaranhado pela ausência de normas. Kallas (2016) corrobora com a ideia do autor ao considerar que o mundo atual perdeu a referência simbólica do pai. Vive-se, então, numa sociedade instável, onde a figura paterna já não protege mais e com isso o sujeito deve aprender a viver de forma desamparada e a correr riscos.

Essa situação desperta no sujeito uma angústia antiga, que o remete à castração. O conceito de castração encontrado no vocabulário de Laplanche e Pontalis (1992) expõe que o complexo da castração seria centrado na fantasia de castração, que responderia ao enigma colocado para a criança da diferença anatômica dos sexos. Tal complexo teria estreita relação com o complexo de Édipo, principalmente a função interditória e normativa.

Freud (2006a, p. 96) considerou que

[...] não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam essa questão.

Otero (2012) expõe que o sujeito percebe o novo como objeto de desconfiança e de angústia, sentimento este que pode ser historicamente percebido. O homem responde aquilo que lhe escapa de forma defensiva, desde a reação de fuga até a busca de realização do desejo, conquistando-o. Essa resistência ao dito novo pode resultar na intolerância, que pode ser entendida como uma defesa do sujeito em busca de proteção, mas que também o designa à ignorância e à violência.

Considerando que o não familiar que preenche a contemporaneidade poderá ser considerado estranho ao sujeito, pode-se partir do conceito de alteridade na psicanálise para compreender essa estranheza. A psicanálise se apropria deste conceito advindo da psicologia social, articulando-o aos conceitos estruturais, junto a castração e ao conceito de diferenças (FUKS, 2007).

Assim, podemos pensar a alteridade como descrita pelo antropólogo Brandão (1986, p. 1, grifo do autor):

O *diferente* é o *outro*, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o *que* eu sou e nem todos são *como* eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio... O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza.

Frayze-Pereira (1994) aponta que a alteridade se tornaria um problema quando se compreende que, no cotidiano, o contato com o outro se dá a partir da garantia que diante do sujeito esteja um outro sujeito, um outro homem, e não uma coisa. Esse homem é algo que concomitantemente é idêntico ao outro sujeito e diferente dele, um ser ocupado por uma interioridade. Para o autor, o modo como esse relacionamento ontológico do ser com o outro irá se concretizar fica em aberto, podendo ser na forma de conflito ou luta moral, onde o outro é reconhecido apenas para ser escravizado e reduzido a um papel que nega a qualidade própria daquele sujeito ou, então, na forma de encontro e simpatia, quando a experiência do outro e o conhecimento amplia os horizontes daquele que se relaciona (FRAYZE-PEREIRA, 1994).

Fuks (2007) disserta que a ideia de reconhecimento do outro, que obriga o pensamento a meditar sobre o entendimento da alteridade, traduz-se na tomada de uma posição ética frente à violência do racismo, do sexismo e outras formas de intolerância. A autora aponta que seria possível traçar uma definição psicanalítica de tolerância partindo do conceito freudiano de narcisismo das pequenas diferenças, que significaria admitir a existência indelével do conflito com aquilo que é o oposto, a intolerância.

Em seu estudo, Fuks (2007) explora a noção de que cada sujeito se separa dos outros por um tabu de isolamento pessoal e que, é em suas pequenas diferenças que se baseiam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles, independente da semelhança que pode ser observada em todo o resto. A autora demonstra, que diante disso, na perspectiva freudiana, a intolerância à alteridade pode ser entendida como manifestação do desejo de garantir a “[...] coesão do idêntico a Si, destruidor de tudo o que se opõe à proeminência absoluta do outro” (FUKS, 2007, p. 66). Uma forma que poderia se pensar acerca do ressurgimento histórico da intolerância seria o fato que, atualmente, pode-se perceber a alteridade e a intolerância a essa diferença intrínseca cada vez mais submergidos nos processos que se inauguram com a internet e as redes sociais.

Partindo novamente da psicologia social, uma outra forma de compreender a relação sujeito e rede social ou meio virtual se dá a partir da teoria da dissonância cognitiva. Essa teoria, desenvolvida por Festinger (1975), se baseia na análise de que uma pessoa que atua contra sua própria atitude pode, a posteriori, modificar cognições ou comportamentos de forma a adaptá-los ao comportamento contraditório. Em sua teoria, o autor salienta que, quando há a dissonância, o sujeito tenta reduzi-la e impede de forma ativa situações e informações propensas a aumentar essa diferença (FESTINGER, 1975 apud CHAUVEL, 1999).

Nesse viés, podemos considerar que diante da gama de informações e opiniões disponíveis na rede e frente as diferenças e ao estranho como antes visto, o sujeito tende a escolher aquilo que comunga com seus desejos e opiniões. Escolher, em si, já é um movimento sofrido para o sujeito e ter que lidar com todo o resto de informações que escapa a sua escolha faz com que haja ainda mais sofrimento. Uma forma de amenizar essa dissonância seria minorizar o que não foi escolhido, a fim de que sua escolha seja valorizada. O sujeito escolhe o que lhe convém e tenta eliminar

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

aqui que restou. Esse movimento leva o sujeito a desvalorizar as diferenças, ou seja, ignorar aquilo que não lhe convém, ignorar tudo aquilo que difere do seu desejo.

A alteridade desvelada pelas redes preenche as telas dos computadores e smartphones na contemporaneidade e os comportamentos intolerantes podem vir a ser suscitados pela exacerbação, via internet, daquilo que diferencia os sujeitos uns dos outros. O ódio e sofrimento frente a diferença configuram o cenário atual, uma vez que a internet proporciona o encontro direto com aquilo que se teme.

O habitual, pensado no virtual como vilão deste cenário, pode vir a ser questionado quando se torna apenas um meio facilitador para o encontro de alteridades e subjetividades já presentes no mundo antes mesmo do advento da internet. Esse meio virtual, como visto anteriormente, também se torna facilitador para comunicação, aquisição de conhecimento, relacionamento ou da forma com que o sujeito desejante escolha.

Em uma mudança de cenário, concomitante ao momento em que estávamos escrevendo o presente artigo, fomos assolados por uma pandemia causada por um novo coronavírus. A quarentena surge como uma maneira de amenizar o contágio do vírus e, com isso, a internet se consolida como um dos meios seguros de comunicação e manutenção das relações, se tornando ainda mais utilizado nesse período. Diante disso, um movimento de rearranjo das escolhas e finalidades do virtual se apresenta e nesse caso, buscamos contextualizar a rede social e seu papel durante este momento atual e específico.

## 2.4 REDES SOCIAIS COMO O PRINCIPAL MEIO DE CONTATO

Pensar na internet como um dos únicos meios de interação com o mundo seria um cenário difícil de imaginar, entretanto, o contexto atual se caracteriza de forma antes não experimentada por considerável parte da população. O mundo vive uma pandemia. O que se suplantou no final de 2019 e início do ano de 2020, o novo coronavírus é responsável por uma doença infecciosa (COVID-19) que nunca havia sido identificada em humanos. Segundo os dados da Ministério da Saúde, a doença afeta o sistema respiratório, podendo ser de forma branda ou grave, que pode levar à óbito. A principal forma de contágio da Covid-19 seria o contato com uma pessoa

infectada, que transmite o vírus por meio de tosse, espirros, gotículas de saliva ou coriza (BRASIL, 2020a).

Diante desse cenário, foi identificado que a forma mais eficaz de diminuir a curva de contágio seria através da quarentena e do isolamento social (BRASIL, 2020a). Tal situação levou a todos para a um momento de quarentena e aquilo que antes era usado como acréscimo na comunicação se transformou no principal meio de contato seguro com o mundo. Nesse momento, a internet se torna um veículo de comunicação ativa que possibilita preencher a lacuna deixada pelo isolamento social, tendo seu uso como meio de socialização a até mesmo como meio de trabalho, através de *home office* e meio de educação formal, através do ensino a distância.

Nessa nova conjuntura, o consumo de internet tende a aumentar, haja vista que o uso das redes deixa de ser apenas esporádico e se torna quase obrigatório. Nos primeiros dias de quarentena, as operadoras de telefonia do Brasil e a Associação Brasileira de Internet registraram um aumento de 40% no uso da internet, já em outros países, como na Itália, o uso das redes dobrou no período de quarentena (WIZIACK; SOPRANA, 2020).

Segundo a pesquisa TIC de domicílios (2019), feita anualmente pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação “CETIC”, aproximadamente 70% da população brasileira está conectada à internet, o que representa mais de 126 milhões de pessoas com potencial para consumir conteúdo on-line (LAVADO, 2019). Observou-se que movimento feito pelas mídias e empresas a incentivar o sujeito a permanecer em casa incluíam a liberação de serviços de *streaming* de forma gratuita, liberação de canais televisivos e produção de conteúdo informativo e de entretenimento por meio das redes sociais (WIZIACK; SOPRANA, 2020).

Esses novos movimentos começaram a surgir no cenário virtual e trouxeram consigo um aumento notável do número de *lives* – transmissão ao vivo – feitas no Instagram e Youtube. Essa ferramenta possibilita transmissões, de forma gratuita, de shows, palestras e até mesmo uma conversa com seus seguidores, uma vez que os espectadores podem comentar e interagir ao vivo.

A Federação Brasileira de Psicanálise propôs, por meio de suas mídias sociais, um movimento chamado “Pense conosco e não saia de casa” em que disponibilizam textos e vídeos via postagem em suas redes sociais que convidam ao espectador

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

refletir diante das questões enfrentadas diante da situação de pandemia. Em um dos vídeos, o psicanalista membro, Nosek (2020), comenta sobre as mudanças que tanto afetam o mundo nesse momento e destaca que, a princípio, teria certa rejeição e desconforto frente ao uso da internet para fins profissionais e relacionais e, que em um dado momento do vídeo, começara a repensar nessas questões, já que o uso da internet revela bastante produtivo e necessário e que a rede proporciona momentos de grandeza humana bastante relevantes. Considera também que não haveria uma alternativa, senão usar do meio on-line, uma vez que a uma alternativa seria a ausência e que, por isso, nem existiria outro caminho (NOSEK, 2020).

Outro ponto de vista presente nesse movimento é o do psicanalista Calmon (2020), o qual expõe que no momento histórico sempre nos orgulhamos de estarmos em vários lugares ao mesmo tempo, fazendo várias atividades concomitantemente. Diante disso, o isolamento social transforma esse quadro. Nele, o sujeito é desafiado a desacelerar e reaprender o tempo das coisas, e que o essencial seria não confundir esse isolamento social com o isolamento afetivo, ou seja, não se isolar diante do isolamento (CALMON, 2020). A partir das considerações feitas ao longo desse estudo, podemos perceber o papel da internet e das redes sociais no sentido de não perder os afetos e contatos, mesmo em situações que são marcadas pelo isolamento.

O fato da percepção quanto ao uso da internet alterar mediante a mudança de cenário e necessidades do cotidiano nos remete à visão de Jenkins (2006) citada na seção anterior, em que a rede, por existir através convergência, se molda de acordo com a necessidade do sujeito. O autor afirma que, a princípio, o poder coletivo no meio on-line seria usado principalmente para fins recreativos e complementa que o uso dessas habilidades para fins mais sérios varia de acordo com a necessidade daqueles que as usufruem. O uso das redes com finalidade de trabalho em *home office* e estudos se destacam no momento vivido.

Outrossim, a Associação Juiz-forana de Estudantes de Psicologia (AJEPSI) seguiu o mesmo caminho de propagação de conteúdo por meio de *lives* em redes sociais e convidou uma série de profissionais da psicologia para debater questões relacionadas ao isolamento social e à prática psicológica. A psicanalista Ribeiro (2020) foi uma das convidadas e abordou a temática de viver no isolamento. Ela considerou que as redes sociais possibilitam essa sensação de estar junto, mesmo que isolados e que propicia não somente o encontro entre usuários, mas que, no momento de

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

isolamento, o encontro consigo mesmo se torna o foco das angústias e que a rede seria o escape ou o meio de uma possível elaboração dessas questões (RIBEIRO, 2020).

Outros profissionais aparecem semanalmente nas redes sociais da AJEPSI para discutir temáticas propostas pelos usuários, como a espiritualidade diante desse momento de crise, como lidar e amenizar o estresse e, também, temáticas que concernem na atuação do psicólogo e mercado de trabalho.

Em uma entrevista ao Jornal da Universidade de São Paulo, o psicanalista Dunker (2020) salienta que a internet permite que estejamos em contato uns com os outros, nesse sentido, no momento de isolamento social, comenta que os aplicativos de comunicação, como Skype permitem que não percamos os laços afetivos e sociais. Enfatiza, ainda, que, principalmente para aqueles que não estão inseridos no mundo virtual, como avôs e avós, os aplicativos favorecem essa ligação, podendo até serem experimentados *softwares* que permitem que se fique conectado durante todo o dia, compartilhando a rotina com outros familiares. Deste modo, há uma ressignificação do uso dos recursos com os quais o sujeito já tem afinidade (DUNKER, 2020).

Outra forma de usar da internet durante a quarentena diz sobre a arte e cultura. Um movimento de virtualização pode ser observado a fim de aproximar o sujeito das atividades culturais. Museus de Minas Gerais começaram a oferecer alternativas de visita virtual durante a pandemia (BRASIL, 2020b). A indústria musical também utiliza desse recurso, shows são promovidos por meio de *lives* no *Instagram* ou *Youtube* com o intuito de levar entretenimento ao espectador (MENGUE, 2020). Esses e outros conteúdos preenchem as redes sociais de forma a transmitir ensinamentos, conhecimentos, exercício físicos e quaisquer outra temática que possa ser discutida ou ensinada por meio de vídeo nas redes sociais, todavia se torna inviável para o objetivo desse estudo catalogá-los e descrevê-los.

Em consonância, instituições e profissionais convocam a internet como forma de compartilhar seus saberes e angústias frente ao isolamento, bem como usam a rede como forma de entretenimento e com o propósito profissional, uma vez que as empresas utilizam o *home office* como ferramenta para se manterem funcionando, e algumas instituições de ensino privadas optam pelo ensino a distância para que não se perca o semestre letivo, com o intuito de estreitar o laço relacional com os estudantes e ser um meio informativo.



Consequentemente, a relação entre sujeito e mundo virtual se torna cada vez mais íntima. Seja para trabalhar, estudar ou mesmo se entreter, a internet se faz presente no dia-a-dia dos sujeitos de forma cada vez mais intensa. Equitativamente, muda-se o cenário mundial e mudamos nosso ser a todo momento numa relação de (re)estruturação do meio e (re)modelação de nossa subjetividade.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste estudo foram abordadas algumas considerações sobre a internet e o mundo virtual. Consideramos que o avanço da tecnologia reconstituiu uma nova maneira de pensar a relação entre sujeitos e interação social. Com o surgimento da internet e dos smartphones o sujeito passa a ter acesso a uma gama de informações, opiniões e produtos na palma da mão. A internet se constitui como terreno propício para se relacionar e aproveitar dos conteúdos ali presentes. As redes sociais facilitam o contato com seus pares e constitui mais um locus social para o sujeito. Deste modo, se torna indiscutível a relação da presença do mundo virtual e suas redes sociais no cotidiano do sujeito. Como exposto, não cabe aos estudiosos separar mundo real e virtual, que atualmente funcionam como complemento um do outro. Desta forma, podemos entender que o virtual impacta na subjetividade do sujeito do mesmo modo que consideramos que o mundo dito real tem sua forma de impactação.

Como observado, o estranhamento diante dessas inúmeras modificações se traduz em hostilidade e indiferença diante das mudanças. A angústia frente ao diferente ou ao desconhecido pode ser percebida atualmente e em uma série de momentos históricos. Esse sentimento é presente no ser humano em situações pouco conhecidas pelos mesmos, ou seja, o novo ou o estranho desperta a angústia e cabe ao ser humano se adaptar diante das mudanças que ocorrem.

Como apresentado ao longo do estudo, para os autores da comunicação, o mundo virtual é parte do social e construído tanto pelo social como pelo sujeito, em uma participação ativa. O virtual se mostra como ferramenta para auxiliar no dia-a-dia dos usuários, sendo passível seu uso de acordo com o desejo do sujeito, seja para escape das angústias, para comunicação entre pares e até mesmo para suprir as necessidades pulsionais. Os conceitos psicanalíticos favorecem o entendimento das

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 308-330, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

redes virtuais como ferramenta para o sujeito, do mesmo modo em que faz com que o sujeito se depare com as angústias e frustrações, possibilita a fuga desse sentimento e a realização de desejos inconscientes.

Diante disso, é questionado o viés patológico do uso considerando que a internet se torna cada vez mais presente no dia-a-dia das gerações nascidas na era digital e causa estranhamento daqueles que não a praticam com tanta frequência. Sinalizamos que é imprescindível a necessidade de se atentar as dependências de uso, entretanto salientamos que a noção de exagero é singular e subjetiva, assim como o lugar ocupado pela internet na vida de cada sujeito e, também, que a forma e intensidade do uso se adaptam às ocasiões.

Ainda no que diz respeito ao questionamento desse lugar ocupado na vida do sujeito, a internet, mundo virtual e redes sociais podem ser entendidos como objetos pulsionais uma vez que suprem as necessidades e angústias daqueles que utilizam com esta finalidade. Outra questão observada diz respeito a relação do homem com a internet. Esta relação seria que a rede se compõe de uma série de opções e opiniões que convocam o sujeito a uma escolha angustiante. Percebe-se a intolerância a essa diferença intrínseca, desvelada pela internet, cada vez mais submergida nos processos atuais de subjetivação.

Todavia, não dizemos aqui sobre a existência de um mocinho ou um vilão na relação do sujeito com o mundo virtual. De forma crítica, o encontro direto com o que é temido, com as diferenças e com a angústia propiciada pela internet, leva o sujeito a encarar a rede como a grande vilã da história, entretanto, acreditamos que a rede se torna um meio facilitador para o encontro de alteridades e subjetividades que sempre foram presentes no mundo real.

De outro modo, em um rearranjo do cenário mundial, diante da pandemia do coronavírus, observa-se que a internet se torna o um dos únicos meios de comunicação isento de contaminação. Não se pensa mais em exagero de uso, liquidez social ou qualquer outro rótulo, a não ser o estado com que o mundo se encontra. A internet se configura como terreno para além de entretenimento. Seja *home office*, ensino a distância, manutenção dos laços sociais ou tentativa de manutenção da saúde mental, a rede se molda de acordo com a necessidade do sujeito.

Por fim, de acordo com o objetivo desse estudo, consideramos que a internet ocupa o lugar desejado pelo sujeito e que satisfaça suas necessidades. Através dos conceitos psicanalíticos podemos compreender um pouco mais a fundo como se estabelece essa relação sujeito e mundo virtual, uma vez que nos deparamos com as questões que cerceiam essa temática na prática clínica, principalmente em um cenário futuro ao uso recorrente dos meios virtuais em decorrência da pandemia que assola o mundo.

Em conclusão, a necessidade de um novo olhar frente a situação contemporânea se torna fundamental, favorecendo um outro olhar frente ao novo ordenamento social-virtual. Diante disso, salienta-se a necessidade de mais estudos e pesquisas que abordem a temática proposta, considerando que o não retorno a esse mundo, a esse novo *modus operandi* que veio para ficar, desperta a incessante necessidade de criticar o novo sem entender sua relação e impactos na vida do sujeito.

## REFERÊNCIAS

BAUMANN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMANN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARRETO, R. A. Psicanalisar hoje: um jardim com pétalas de lágrimas na era virtual. In: LOPES, A. J. **Conexões virtuais**: diálogos com a psicanálise. São Paulo: Escuta, 2016. p. 221-230.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 304 p.

BORGES, J. M. C. Navegar é preciso, viver não é preciso: o sujeito nas ondas da web. In: LOPES, A. J. **Conexões virtuais**: diálogos com a psicanálise. São Paulo: Escuta, 2016. p. 29-40.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e Etnia**. São Paulo, 1986. 125p. Disponível em: [http://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/identidadada\\_etnia.pdf](http://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/identidadada_etnia.pdf). Acesso em: 01 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus**. 2020a. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

BRASIL. Secretaria de cultura. **Museus de Minas oferecem alternativas virtuais durante a pandemia do Coronavírus**. 2020b. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/component/gmg/story/5539-museus-de-minas-oferecem-alternativas-virtuais-durante-a-pandemia-do-coronavirus>. Acesso em 19 abr. 2020.

CALMON, M. P. A. Sobre novas escolhas. **Observatório psicanalítico**. Federação Brasileira de psicanálise, abr. 2020. Disponível em: <https://www.febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1552020/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: [ftp://ftp.ige.unicamp.br/pub/aulas\\_prof\\_a\\_leda/Castells,M.%20A%20sociedade%20em%20rede.%20Cap%206.pdf](ftp://ftp.ige.unicamp.br/pub/aulas_prof_a_leda/Castells,M.%20A%20sociedade%20em%20rede.%20Cap%206.pdf). Acesso em: 29 set. 2019.

CECCARELLI, P. R. Sobre a virtualização do sexual. *In*: LOPES, A. J. **Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2016. p. 159-178.

CHAUVEL, M. A. **A satisfação do consumidor no pensamento de marketing: revisão de literatura**. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração: Foz do Iguaçu, 1999. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad1999-mkt-12.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2020.

DUNKER, C. I. L. Como reorganizar a rotina pode ajudar sua saúde psíquica na quarentena. **Jornal da USP**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/como-reorganizar-a-rotina-pode-ajudar-sua-saude-psiquica-na-quarentena/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

DURKHEIM, E. **O suicídio: um estudo sociológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. A questão da alteridade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 11-17, 1994. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771994000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 01 nov. 2019.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. p. 67-154. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI).

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. *In*: FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. p. 117-146. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV).

FUKS, B. B. O pensamento freudiano sobre a intolerância. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 59-73, 2007. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652007000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 nov. 2019.

HOBBSAWN, E. **Industry and Empire: the birth of the Industrial Revolution**. New York: The New York Press, vol. 3, 1999. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=WPRaJK5LNoC&oi=fnd&pg=PA34&dq=inndustry+and+Empire:+from+1750+to+the+present+day&ots=CG\\_KoijZKp&sig=\\_YziDu\\_2EHUWGdTHgp9sLb6FFDg&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=WPRaJK5LNoC&oi=fnd&pg=PA34&dq=inndustry+and+Empire:+from+1750+to+the+present+day&ots=CG_KoijZKp&sig=_YziDu_2EHUWGdTHgp9sLb6FFDg&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 29 set. 2019.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. Disponível em: [https://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/cultura\\_da\\_convergencia\\_-\\_henry\\_jenkins.pdf](https://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/cultura_da_convergencia_-_henry_jenkins.pdf). Acesso em: 26 mar. 2020.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-64, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v38n71/v38n71a06.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

LAVADO, T. Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada. **G1**. 28 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2020.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: <https://edsonsoaresmartins1973.files.wordpress.com/2018/07/laplanche-vocabulc3a1rio-de-psicanc3a1lise.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MAGGI, N. R. Manifestações da sexualidade na transferência e nos ambientes virtuais. *In*: LOPES, A. J. **Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2016. p. 81-96.

MENDES, E. R. P. Psicanálise e redes sociais: privacidade e exposição. *In*: LOPES, A. J. **Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2016. p. 97-108.

MENGUE, P. De ioga a contação de história, lives de Instagram ganham espaço durante a quarentena. **Estadão**. mar. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,de-ioga-a-contacao-de-historias-lives-de-instagram-ganham-espaco-durante-quarentena,70003245697>. Acesso em: 19 abr. 2020.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Quem disse que é proibido ter prazer on-line?: identificando o positivo no quadro de mudanças atual. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 12-21, jun. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000200003&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200003&lang=pt). Acesso em: 29 set. 2019.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos. **Psic.: teor. e pesq.**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 365-373, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722005000300014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000300014&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 out. 2019.

NOBRE, M. R.; MOREIRA, J. O. A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. XVI, n. 2 jul/dez 2013, p. 283-298. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v16n2/v16n2a07.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.

NOSEK, L. **Pense conosco e não saia de casa, com Leopold Nosek**. 2020. (6:13min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nOAZ9e\\_USjk&feature=youtu.be&fbclid=IwAR25uGbgIjGZQzXP5gqeWj8UK7qCa7QJKwAM\\_B-j4pn1-7OkUJwf6oPAJEs](https://www.youtube.com/watch?v=nOAZ9e_USjk&feature=youtu.be&fbclid=IwAR25uGbgIjGZQzXP5gqeWj8UK7qCa7QJKwAM_B-j4pn1-7OkUJwf6oPAJEs). Acesso em: 10 abr. 2020.

OTERO, C. **Psicanálise e comunicação**: a internet e a reinvenção de si. 2012. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/10.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.

PADILHA NETTO, N. K.; CARDOSO, M. R. A adicção sexual nas fronteiras da perversão. **Rev. Latino am. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 705-727, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142017000400705&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142017000400705&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 mar. 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/259328435\\_Redес\\_Sociais\\_na\\_Internet](https://www.researchgate.net/publication/259328435_Redес_Sociais_na_Internet). Acesso em: 26 mar. 2020.

RIBEIRO, A. C. P. **Viver no isolamento**: com quem de fato nos encontramos nessa situação? Palestra (Live) apresentada no Instagram da Associação Juizforana de Estudantes de Psicologia em 25 mar. 2020.

RIBEIRO, J. C.; LEITE, L.; SOUZA, S. Notas sobre aspectos sociais presentes no uso das tecnologias comunicacionais móveis contemporâneas. *In*: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.). **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 186-201. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721-09.pdf>. Acesso em: 5 out. 2019.

WIZIACK, J.; SOPRANA, P. Em três dias de quarentena, consumo de internet fixa sobe 40%. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/em-tres-dias-de-quarentena-consumo-das-redes-de-telefoniasubiu-40.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2020.